

O ensino de Percepção Musical através da música brasileira: norteador uma perspectiva

José Simião Severo

*Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMUFRN)
josesimiao-severo@hotmail.com*

Resumo: Este artigo descreve uma experiência como professor substituto na disciplina de Percepção Musical na escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMUFRN) no ano de 2015. O trabalho descreve procedimentos utilizados para alcançarmos resultados condescendentes referente à formação performer musicais e professores de música em contexto abrangente. Através do ensino de ritmos considerados brasileiros ao que se refere o samba, bossa nova, baião, xaxado, maracatu dentre outros, tem como objetivo principal a demonstração de procedimentos utilizados para uma aprendizagem precisa e coerente a prática dos músicos inseridos no mercado de trabalho, assim como a valorização da música brasileira, proporcionando estímulo ao estudo dos aspectos mencionados e estímulo para a comunidade em geral. Constatamos que os resultados demonstram um desenvolvimento consolidado e eficaz.

Palavras chave: Ensino. Percepção musical.

Introdução

O ensino de Percepção Musical como matéria em cursos de graduação e técnico em música no Brasil, tem sido alvo de reflexão em relação a sua forma tradicional, neste sentido, tem-se buscado caminhos que direcionem a uma aprendizagem sólida e vinculada a aspectos do dia a dia do estudante. Nessa perspectiva, fazendo com que os conteúdos mencionados em aula façam sentido e despertem cada vez mais o interesse do aluno para o tal desenvolvimento.

Mediante este fato, buscamos uma metodologia voltada ao aprendizado o qual o aluno estar imerso trabalhando desse modo, aspectos perceptivos da música brasileira tanto no sentido rítmico quanto melódico. Como professor temporário da disciplina mencionada, me deparei com a necessidade buscar evidenciar na prática dos alunos o quanto rica é a música brasileira no sentido rítmico e melódico.

Contudo, para um direcionamento preciso, fez-se necessário implantar ao menos nas aulas ministradas por mim, divisões rítmicas e melódicas que envolvam o estudo de ritmos brasileiro, dessa forma, fez-se necessário buscar um caminho para sanar com a questão: que tipo de música utilizar para que o referido ensino não seja fragmentado e desvinculado da vivência do aluno?

Depreende-se que, este trabalho tem intenção de demonstrar os possíveis resultados referentes ao desenvolvimento dos alunos referente ao ensino da disciplina supracitada através de músicas com padrões rítmicos utilizados na música brasileira.

Para tanto, o referido trabalho é composto por um relato o qual descreve processos e caminhos percorridos para sanar com possíveis dificuldades encontradas referentes ao norteamento em questão. As práticas aqui mencionadas foram vivenciadas nas disciplinas de Percepção 1 do curso técnico de música da escola de música da universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde atuei como professor substituto durante o ano de 2015.

A disciplina de Percepção Musical/Percepção/Estruturação Musical

Trata-se de um componente curricular da grade dos cursos de música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). É direcionada para estudantes dos cursos Técnicos, Bacharelado e licenciatura em música, cabe enfatizar que para cada curso a disciplina recebe uma designação com nome diferente, por exemplo: no curso Técnico – Percepção, Bacharelado – Percepção Musical, Licenciatura – Estruturação Musical, embora, alunos do curso de licenciatura também possam se inscrever nas turmas do bacharelado, sendo que neste último os conteúdos são mais voltados para o músico performer.

A disciplina tem o objetivo de desenvolvimento auditivo do aluno quanto aos aspectos de ritmo, harmonia melodia e solfejo. Portanto, a disciplina mencionada é relevante para a formação do músico estudante assim como afirma Panoro (2010):

O “ouvido musical” sempre foi considerado atributo indispensável ao músico profissional. No ensino de música, a disciplina responsável pelo

desenvolvimento da escuta, intitulada comumente “Percepção Musical”, continua sendo um dos pilares de seu currículo (PANORO, 2010, p. 360).

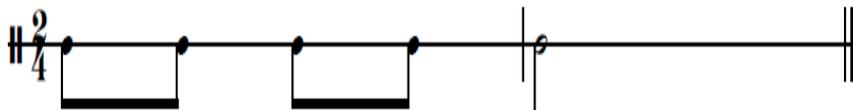
Mediante este fato, cabe refletir qual tipo de repertório pode ser seguido para se alcançar o objetivo almejado. “De uma maneira geral, o estudante de Percepção Musical vivencia em sala de aula situações musicais que objetivam aprimorar sua percepção auditiva, e com isso, melhor prepará-lo para exercer sua profissão de músico” (DAMORE, 2010, p. 10). Portanto, consideramos a referida matéria uma importante ferramenta para a formação do músico, seja ele interprete ou professor de música.

Procedimentos utilizados

Fomos direcionando as aulas com o intuito de preparar o aluno para chegar ao patamar desejado, ou seja, alcançar um nível de entendimento de como acontece a divisão rítmica na música brasileira, principalmente ao que diz respeito ao samba, bossa nova e baião.

Dessa maneira, iniciamos as aulas explanando sobre a leitura rítmica partindo do mais simples como mostra a figura 1, daí por diante adicionando pouco a pouco ligaduras e ponto de aumento.

Figura 1:



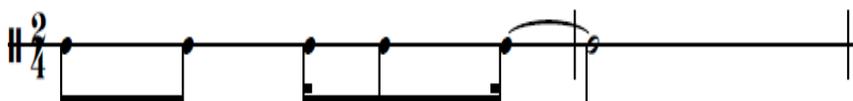
Fonte: Acervo pessoal

Figura 2



Fonte: Acervo pessoal

Figura 3:



Fonte: Acervo pessoal

Figura 4:



Fonte: Acervo pessoal

Figura 5:



Fonte: Acervo pessoal

Esta última figura, trata-se de um clichê que aparece em quase todos os ritmos de samba, exemplo:

Figura 6: Na cadência do samba (Ataufo Alves)



Fonte: Acervo pessoal

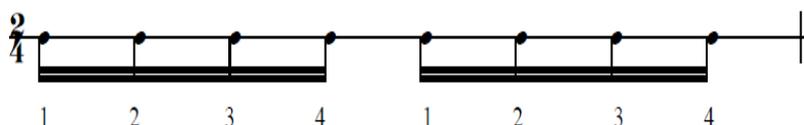
Naturalmente, é preciso refletir para uma melhor compreensão por parte dos alunos referente os conteúdos abordados, neste sentido, cabe enfatizar alguns procedimentos utilizados para dinamizar o aprendizado, entre eles, o aprendizado através de práticas coletivas e trabalhos envolvendo cumplicidade, ajuda mútua e respeito pelo andamento de aprendizado particular que cada aluno demonstra.

Para Albuquerque (2011) “[...] o ensino coletivo se adentra em nossos dias como uma prática para a inserção de todos na Música, possibilitando aprendizagens significativas e abrangentes” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 49). “O ensino coletivo tem ganhado ênfase no âmbito de pesquisas acadêmicas e tem proporcionado resultados relevantes ao desenvolvimento da socialização, interação e de elementos técnicos musicais [...]” (SEVERO; PAIVA, 2016, p. 1).

Nessa perspectiva, nossas aulas foram baseadas no referido ensino, logicamente com atendimentos individual e em grupo com alunos em dificuldades.

Para sanar com as dificuldades fazendo que os alunos entendessem a divisão rítmica trabalhados em sala, utilizamos numeramos os dedos da mão direita ou esquerda, ou seja, cada dedo sendo igual a uma semicolcheia, especificamente em compassos simples de 2/4 (dois por quatro), 3/4 (três por quatro) ou 4/4 (quatro por quatro). Desse modo, denominamos os dedos da mão direita (ou mão esquerda) com a mesma adotada para o piano, por exemplo: Polegar = 1, indicador = 2, médio = 3, anelar = 4 e mínimo 5.

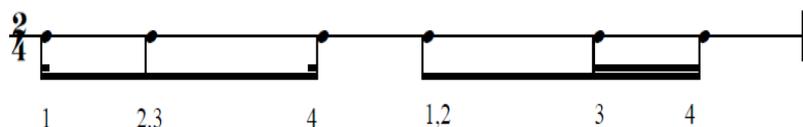
Figura 7: representação das figuras através dos dedos



Fonte: acervo pessoal

Logo, quando aparece na leitura semicolcheias e colcheias, representamos dois dedos para uma colcheia, assim como mostra a figura 8: é oportuno observar que os números são apenas uma maneira do aluno compreender melhor a divisão, sendo que logo depois do entendimento da divisão na prática, o mesmo pode trocar os números pela sílaba “Ta”.

Figura 8: representação das figuras através dos dedos



Fonte: acervo pessoal

Em seguida, após o entendimento dos alunos quanto a divisão, as práticas também foram trabalhadas levando em consideração o sentir a música antes de sua execução (FONTERRADA, 2008), portanto, o ritmo sendo enfatizado através de práticas corporal, remete-

nos a autonomia e domínio do que esta escrito, assim, pois, através da execução com o corpo o desenvolvimento cognitivo apresenta-se de forma precisa e eficaz.

Educadores musicais como Murray Schafer (1933-) Émile Jaques Dalcroze (1865-1950), Carl Orff (1895-1982) Edgar Willems (1890- 1978), fundamentaram suas metodologias do ensino da educação musical com ênfase a práticas corporais. “Ao utilizar o corpo para sensibilizar o aluno a apreender conceitos teórico-musicais, eles intuíram a relação estreita existente entre a ação corporal e o desenvolvimento de estruturas cognitivas e, mais ainda, o quanto de emocional estava agregado ao movimento corporal” (LIMA; RUGER, 2007, p. 100). Nessa perspectiva, os exercícios em aula foram também executados com os pés e mãos, por exemplo:

- No primeiro tempo iniciamos com o pé direito dando procedimento com o esquerdo;
- O pé direito executa as semicolcheias e palmas as colcheias;
- O pé direito executa os primeiros tempos de cada compasso, as demais notas com palmas e toque nas coxas.

Para Santiago (2008) “a vivência musicorporal favorece a integração das diferentes modalidades da música – apreciação, criação e performance. Ademais, compreendemos que a visão de corpo como mero acessório para a produção de conhecimento deve ser questionada” (SANTIAGO, 2008, p. 54). Portanto, enfatizamos aulas com ritmo corporal sem fugir dos conteúdos necessários para o propósito da disciplina.

Quanto ao repertório trabalhado, priorizamos música brasileira, dessa forma, buscando se distanciar do ensino fragmentado¹ e o uso do ditado e solfejo como ferramentas principais, assim como a utilização predominante de repertório da música erudita ocidental ou europeia (OTUTUMI, 2013).

¹ Conteúdos desvinculados da realidade do aluno e desconectados de um todo.

Devemos, pois, pensar o problema do ensino, considerando, por um lado, os efeitos cada vez mais graves da compartimentação dos saberes e da incapacidade de articulá-los, uns aos outros; por outro lado, considerando que a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida, e não atrofiada. (MORIN, 2003, p. 16).

Borges e Penna (2015) constatam em pesquisa que “[...] a crítica ao uso excessivo ou exclusivo de atividades como solfejos e ditados e ao chamado “ensino tradicional”” (BORGES; PENNA, 2015, p. 4), e ainda assim, sem considerar a aprendizagem como algo vinculado a experiência e perspectivas dos alunos.

As práticas nas aulas de percepção musical devem considerar as especificidades do grupo com que se trabalha, respeitando sua diversidade cultural e promovendo o diálogo tanto entre as vivências musicais dos alunos³ quanto entre os fatores que colaboram para sua formação – inclusive entre os diversos saberes escolares e os saberes que os alunos trazem de outros espaços e experiências de suas vidas. (BORGES; PENNA, 2015, p. 5).

Nessa perspectiva, acreditamos que o repertório trabalhado em aula dá autonomia e favorece o desenvolvimento e habilidade dos músicos estudantes para atuarem no mercado de trabalho, principalmente quando se trata de ritmos populares, pois, o curso técnico em música da UFRN visa formar profissionais aptos para atuar no campo de trabalho de forma criativa e inovadora.

Pensando por esse viés, optamos através da flexibilidade do plano de curso trabalhar repertório baseado em músicas como, por exemplo, Desafinado (Antônio Carlos Jobim/Newton Mendonça), Cravo e canela (Milton Nascimento), Coisa nº 10 (Moacyr Santos/Mário Telles), Tempo feliz (Baden Powell), Coisa feita (João Bosco), Incompatibilidade de gênios (João Bosco).

Para uma boa assimilação auditiva da escrita dos referidos rítmicos, foi utilizado áudios com padrões dos ritmos em questão baseados nos métodos: o livro do violão brasileiro (Nelson Farias) e Ritmos brasileiros (Marco Pereira). Dessa forma, além de iniciarmos com padrões básicos fazendo com que os alunos percebessem e fosse ao quadro escrever o que tinham ouvido, assim como exercitar sua criatividade em executar o exercício percebido com o corpo,

ou seja, com palmas e pés ou a critério do aluno, motivando-os assim para a criatividade, também foi critério que os mesmos escrevessem uma melodia para o ritmo percebido. “Os ritmos brasileiros são caracterizados pelo seu caráter contagiante que faz com que as pessoas sintam vontade de balançar o corpo (dançar). O fato de se ensinar por imitação facilita a execução e dá liberdade para cada um se expressar” (MARTINS, 2013).

Dessa maneira, entrando em consonância com as autoras Borges e Penna as quais relatam que o ensino de percepção musical pode se valer tanto do ensino “tradicional” quanto do musical, este último especialmente voltado para a criação, execução, arranjo e apreciação (BORGES; PENNA, 2015).

Sob esse enfoque, direcionamos também os ritmos como, por exemplo, Maxixe, Samba-de-coco, Maculelê, Baião, Frevo, Xote e Maracatu, todos esses ritmos baseados no livro Ritmos Brasileiros do violonista Marco Pereira, embora, por muitas vezes utilizados como base para uma adaptação coerente com a turma, ou seja, um desmembramento do ritmo o transformando mais simples, e, executando ao violão de forma lenta.

Considerações finais

Conforme se pôde constatar, as dificuldades aparecem ao se deparar com o novo, sendo que, pelo fato de iniciarmos as práticas sempre de um nível simples, e ainda focarmos na prática coletiva como apoio para os alunos com dificuldades, claramente tivemos êxito no envolvimento e aprendizado dos alunos.

Logo, pode-se dizer que tivemos resultados consideráveis ao que diz respeito a nossa indagação quanto os tipos de música viáveis para serem utilizadas em virtude de sanar com o ensino de um ensino fragmentado e desvinculado da vida cotidiana dos músicos estudantes, que por muitas vezes atuam na noite tocando os ritmos mencionados em aula.

Compreendemos, portanto, que este trabalho supriu a princípio com um questionamento e necessidade em buscar subsídios para sanar com a problemática de como envolver o aluno em algo que lhe será útil como músico instrumentista, assim como apresentar como um ponto de partida para questões referentes o assunto.

Pode-se concluir que, o presente trabalho apresenta contribuição para o ensino de música através da música brasileira na disciplina de Percepção Musical, como também para pesquisas em um sentido mais abrangente.

Referências

ALBUQUERQUE, Artur Fabiano Araújo de. **Aprendizagem musical a partir da motivação**: um estudo de caso com cinco alunos adultos de piano da cidade do Recife. 2011, João Pessoa PB Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/6579/1/arquivototal>>. Acesso em: 07 ago 2016.

BORGES, Suelena; PENNA, Maura. *O estudo da percepção musical em um curso técnico em instrumento musical*: um projeto de pesquisa. In: CONGRESSO ABEM NACIONAL, XXII, 2015, Natal RN. *Anais...* ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 2016. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/xxiicongresso/xxiicongresso/paper/view/1305/340>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

D'AMORE, Ticiano Maciel. **Ditados**: um livro para auxílio da prática de percepção musical em casa. (Monografia de licenciatura em música) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Escola de música. RN 2010. Disponível em <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/1184/1/DAMORE%2c%20Ticiano%20M._Ditados-%20um%20livro%20para_2010.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2016.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De Tramas e Fios**: Um Ensaio Sobre Música e Educação. 2. ed. - São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte 2008.

LIMA, Sonia Albano de; RUGER, Alexandre Cintra Leite. **O trabalho corporal nos processos de sensibilização musical**. *Opus*: revista eletrônica da ANPPOM, Porto Alegre, v. 12, p. 33-53, 2007. Disponível em: < <http://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/296/275> >. Acesso em: 8 jul. 2016.

MORIN, Edgar; JACOBINA, Eloá. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MARTINS, Livia. **Ritmos brasileiros na educação musical**. Disponível em:<<https://prezi.com/pe9gjstn6-k/ritmos-brasileiros-na-educacao-musical/>>. 2013. Acesso em: 08 agosto.

OTUTUMI, Cristiane Vital. *O ensino tradicional na disciplina Percepção Musical: principais aspectos em destaque por autores da área nos últimos anos. Vórtex*, Curitiba, n.2, p.168-190, 2013.

SANTIAGO, Patricia Furst. **Dinâmicas corporais para a educação musical.** *Opus: revista eletrônica da ABEM*, v. 16, n. 19, 2008. Disponível em: < <http://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/296/275> >. Acesso em: 8 jul. 2016.